

Reestruturação da cadeia produtiva têxtil em Valença-RJ
(Restructuring of textile productive chain in Valença-RJ)

Gisela Aguiar Soares Coutinho

Resumo

Este artigo mostra como a formação do arranjo produtivo local do setor de confecções de Valença-RJ contribuiu para a superação das dificuldades deixadas pelo período decadente das fábricas de tecido. A cidade aproveitou sua vocação para o trabalho têxtil e se voltou para o setor de confecções, que abriga confecções, fábricas, cooperativas e lavanderias para geração de empregos. Há presença de apoio institucional. No caso das instituições públicas e privadas, há espaço para ações que orientem empresas informais em suas dificuldades para arcar com custos trabalhistas, fiscais e ambientais rumo à formalização, promoção de ofertas de cursos de capacitação gerencial e de qualificação da mão-de-obra, bem como sensibilização dos empresários quanto à aquisição de maquinário moderno e mais competitivo. A informalidade ocorre em Valença. Nesse sentido, é preciso que os empreendedores encontrem vantagens para que se sintam motivados a formalizar suas empresas.

Palavras-chave: Arranjo produtivo local; Setor de confecções.

Este trabalho enfatiza o desenvolvimento do arranjo produtivo local (APL) do setor de confecções no município de Valença, no Estado do Rio de Janeiro. Durante muitos anos, Valença foi famosa pelas fábricas têxteis ativas, que motivavam o deslocamento de pessoas de várias localidades para obterem produtos da cidade, gerando empregos e arrecadação tributária.

Em razão do encerramento das atividades de grande parte dessas fábricas no início dos anos 1990, surge interesse em minucioso estudo sobre opções disponíveis diante do vazio econômico deixado em Valença. No contexto contingencial, na referida década, os arranjos produtivos locais representaram viável solução por contribuir com geração de empregos e aumento do poder aquisitivo. Nesse período, a cadeia produtiva têxtil em Valença foi reestruturada para absorver novamente a mão-de-obra proveniente daquele ramo industrial, lá instalado por quase um século, ajudando a compor boa parte do enredo que configura sua história.

Este artigo considera o APL, versão brasileira do termo inglês *cluster*, como alternativa responsável pela movimentação econômica de diferentes atores, a fim de vencer adversidades impostas pelo fechamento das fábricas e conseqüente desemprego. Nessa crença, investigou-se a origem das confecções de Valença, suas características e como estão estruturadas.

Tendo como objeto de estudo as atuais confecções e fábricas instaladas em Valença, que se distinguem como um APL por meio de estudo de caso simples, pesquisa bibliográfica,

documental e entrevistas, procurou-se responder à seguinte pergunta: “Como se formou o APL do setor de confecção de Valença e seus desdobramentos a partir da decadência da indústria têxtil no final da década de 1980 até hoje?”

Foram consultados estudos relacionados ao setor de confecções, efetuados em 2003 e 2004, o que demonstra atualidade do tema (HASENCLEVER; LA ROVERE, 2003; HASENCLEVER; FERRAZ FILHO, 2004). Ocorre que, apesar de esses autores identificarem essas confecções como APL, não foi feita ainda associação entre o surgimento desse setor em Valença e a desestruturação do ramo têxtil, conforme apontaram resultados desta pesquisa.

A justificativa teórica para este trabalho parte da sua contribuição ao aprofundamento de estudos acerca de APL. Imagina-se que o caso do setor de confecções de Valença possa ser incluído entre experiências que vêm sendo realizadas em outros segmentos sobre *clusters*, como o setor de calçados ou de móveis (AMORIM, 1998), dentre outros, que ajudam a entender melhor esse fenômeno e sua importância. Muito se fala a respeito de APL e sua relevância para a promoção do desenvolvimento local, mas o que se propõe nesta pesquisa é ser esse tipo de arranjo uma opção exequível em situações em que se encontrem pessoas com potencial empreendedor e/ou detentor de uma *expertise*, porém com baixo capital.

O estudo apresenta relevância prática, pois os resultados podem enriquecer a compreensão de caminhos possíveis para que a formação de APL se concentre nos debates econômicos e na recuperação das tradições e habilidades locais. Este trabalho sinaliza as alternativas ligadas ao problema deixado após o fechamento do setor têxtil e que contribuíram para o progresso da cidade, proporcionando melhorias na condição de vida dos seus habitantes e geração de empregos, valendo-se do potencial enraizado em sua população.

Metodologia

Para investigar a formação do APL do setor de confecções em Valença e seus desdobramentos após a decadência do setor têxtil, escolheu-se a pesquisa qualitativa, por meio de estudo de caso único, por se tratar do tipo longitudinal, em que se verifica o mesmo caso em pontos distintos ao longo do tempo. No estudo de caso, a coleta de dados da pesquisa envolve habilidades, preparação e treinamento do pesquisador (YIN, 2005). Então, procurou-se aprofundar o estudo sobre APL, ressaltando a visão socioeconômica e industrial da época.

O corte utilizado no trabalho é o seccional com perspectiva longitudinal, porque, embora o estudo tenha sido feito em determinado momento atual, recupera dados de períodos anteriores (VIEIRA, 2004). O trabalho abrange desde o final da década de 1980 até o ano de 2007.

Tomou-se como base a taxionomia proposta por Vergara (2005). Quanto aos fins, a pesquisa foi descritiva com mesclas de exploratória e, quanto aos meios, foi bibliográfica,

documental e de campo, com entrevistas abertas fundamentadas em roteiro semi-estruturado para auxiliar na resposta à questão formulada. Dentre os entrevistados, constaram empresários de confecções e facções, jornalista local, representantes do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae/Valença) e Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai/Valença), Sindicato das Indústrias do Vestuário do Sul do Estado do Rio de Janeiro (Sindvestsul), Centro Municipal de Formação de Operadores de Máquina de Costura Industrial (Cemcost), Associação Comercial, Industrial e Agro-Pastoril de Valença (Aciva), Secretaria Municipal de Planejamento e Desenvolvimento Econômico e Social, Secretaria Municipal de Cultura e Turismo de Valença, Companhia Têxtil Ferreira Guimarães e uma fábrica de rendas e bordados da cidade. Foram realizadas conversas informais com estilista, empresários e representante da Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro (Firjan) no evento Fashion Rio/Fashion Business.

Fundamentação teórica

Arranjo produtivo local ou *cluster* será estabelecido com base em autores de diferentes escolas ou de formação diversificada. Segundo Silva (2003), *cluster* retoma ensinamentos de Alfred Marshall, que narra em Princípios de Economia o modo pelo qual as empresas são propensas a constituir “distritos industriais” em áreas geográficas distintas, onde cada cidade se especializa na elaboração de certos bens interligados. Trata-se de um conjunto de empresas operando em um mesmo segmento da indústria com divisão do trabalho.

Para Amorim (1998), diante de um mundo marcado pela concorrência, grupos de pequenas empresas nos quais são constatados níveis elevados de vínculos constituem *clusters*, considerados o estado da arte quanto aos modelos de desenvolvimento local. Amorim (1998, p. 25) conceitua *cluster* como “um conjunto de firmas operando em visível harmonia, com cada uma (ou algumas) das firmas envolvidas em estágios distintos da produção de um dado produto ou serviço”. A autora direciona seus estudos para pequenas e médias empresas. A definição realça a necessidade de que as empresas trabalhem conjuntamente, executando sua parte em busca de objetivo comum. Em 1997, foi criada a Rede de Pesquisa em Sistemas Produtivos e Inovativos Locais – RedeSist, abrangendo várias instituições brasileiras de pesquisa e ensino, sediada no Instituto de Economia da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Os pesquisadores desenvolveram o termo “arranjo produtivo local”. A RedeSist, conforme encontrado em Cassiolato e Lastres (2003, p. 5), considera arranjos produtivos locais como:

aglomerações territoriais de agentes econômicos, políticos e sociais – com foco em um conjunto específico de atividades econômicas – que apresentam vínculos, mesmo que incipientes. Geralmente envolvem a participação e a interação de empresas – que podem ser desde produtoras de bens e serviços finais até fornecedoras de insumos e

equipamentos, prestadoras de consultoria e serviços, comercializadoras, clientes, entre outros – e suas variadas formas de representação e associação. Incluem também diversas outras instituições públicas e privadas voltadas para: formação e capacitação de recursos humanos (como escolas técnicas e universidades); pesquisa, desenvolvimento e engenharia; política, promoção e financiamento.

Nessa visão destacam-se agrupamentos de empresas e outros atores participantes (apoio), concentrados na elaboração de certa atividade num espaço geográfico em que se observe alguma ligação entre eles. Esta pesquisa *a priori* tomará como base o conceito de arranjo produtivo local desenvolvido pela RedeSist para efetuar análise do caso de Valença.

Amorim (1998, p. 25) indica as seguintes características para os *clusters* de pequenas empresas:

- a) empresas reunidas, geralmente pequenas e médias, próximas, trabalham em um negócio numa localidade;
- b) empresas participam da principal atividade do *cluster*, mas cada uma se empenha em atividades específicas;
- c) relações intensivas entre as empresas mesclam competição e cooperação;
- d) empresas procuram estabelecer relacionamentos de confiança;
- e) a existência de uma rede de instituições públicas e privadas sustenta as relações entre as empresas.

Os estudos de Amorim (1998, p. 27) identificaram quatro estágios na formação de um *cluster*: “*pré-clusters* (empresas e indústrias independentes), *cluster* emergente (agrupamento inter-empresas e concentrações de indústria), *cluster* em expansão (aumento das inter-relações) e *cluster* independente (intensas interações interfirmas)”.

Hasenclever e La Rovere (2003) apontam a relevância de existir empresa coordenadora ou instituição âncora que pode impulsionar o desenvolvimento auto-sustentável de determinada região. As aglomerações podem se organizar ao redor dela ou sem sua presença. A empresa coordenadora ou instituição âncora desempenha papel significativo para empresas da região pela sua habilidade quanto ao planejamento e à promoção de ações conjuntas com vistas a dinamizar vantagens competitivas como compra de matérias-primas, inovações relativas à produção e gestão, treinamento de pessoal e exportação.

A importância de se analisar a informalidade de empresas brasileiras e mecanismos que objetivem a formalização tem sido ressaltada por alguns autores (SAMPAIO, 2005; KRAEMER, 2005). Tandler (2002) realiza estudo com foco nas políticas sociais que direcionam microcrédito, somado a outros programas para o êxito das pequenas empresas como uma rede de proteção. Nos países em desenvolvimento, a área governamental vê programas dedicados às micro e pequenas empresas no setor informal apenas como política social, em vez de se voltar para o aspecto

econômico por iniciativas como obediência às legislações trabalhistas e ambientais, produtividade crescente e geração de empregos. Com frequência, os governos concedem às pequenas empresas pertencentes a um APL isenções de impostos e linhas de crédito especiais, em lugar de atender às dificuldades que empresas informais de pequeno porte têm de arcar com custos das leis trabalhistas, ambientais e fiscais para se formalizarem. É preciso estar alerta, pois o não pagamento de impostos e a não observância das leis trabalhistas e ambientais comprometem a estratégia governamental de diminuição da pobreza e aumento de empregos; além disso, dificultam a competitividade empresarial e minimizam os ganhos de produtividade.

Considera-se que empresas de micro, pequeno e médio porte sejam incapazes de obedecer às leis ambientais e/ou de responsabilidades sociais por empecilhos estruturais, se atuam isoladamente. Carecem ainda de qualificação da mão-de-obra, acessibilidade às inovações tecnológicas, às informações, ao crédito e aos serviços especializados. Entretanto, quando as empresas pertencem a determinado setor econômico e se encontram aglomeradas numa região, constituindo um APL, podem trabalhar unidas na tentativa de ultrapassar aquelas barreiras (OLIVEIRA, 2006).

Para compreender a cadeia produtiva têxtil e perceber o fenômeno atual de elevada concentração no setor de confecção de Valença, é necessário abordar os setores que englobam essa cadeia produtiva. Conforme Lupatini (2004), muitos estágios inter-relacionados de produção formam a indústria têxtil-vestuário. Para Chan (1999), o fabricante de fio é responsável por iniciar o processo, seguindo para o fabricante de tecido, tecelagem ou malharia, rumo à indústria de acabamento, finalizando as etapas na elaboração da roupa.

Evolução de Valença

Tjader (2003) afirma que nas terras hoje ocupadas por Valença viviam os índios Coroados. Em 1823, D. Pedro I, por decreto imperial, elevou a aldeia de Valença à condição de vila. Conforme Barros (1998) e a Secretaria Municipal de Planejamento, Desenvolvimento Econômico e Social (2002), durante o ciclo do café Valença contou com várias fazendas que utilizavam mão-de-obra escrava, além de manter agricultura de subsistência, pecuária e comércio. O Decreto-Lei número 961, de 29 de setembro de 1857, elevou a vila de Valença à categoria de cidade. Por volta de 1888, com a abolição da escravatura, ocorreu declínio da produção cafeeira. Valença direcionou suas atenções ao ciclo da pecuária leiteira, laticínios, derivados e agroindústrias de milho, da cana-de-açúcar e alambiques (TJADER, 2003; BARROS, 1998).

Valença pertence à Região do Médio Paraíba, ocupando área territorial total de 1305,8 km², constituída por seis distritos: Barão de Juparanã, Santa Isabel do Rio Preto, Pentagna,

Parapeúna, Valença (sede municipal) e Conservatória (SECRETARIA MUNICIPAL DE PLANEJAMENTO, DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL, 2002; CIDE, 2004). Conforme o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, a população estimada para 2007 era de 70.850 habitantes.

Surge a indústria têxtil em Valença

Barros (1998) esclarece que, em Valença, em 18/1/1906, foi inaugurada a primeira fábrica têxtil, denominada Companhia Industrial de Valença por José Siqueira Silva da Fonseca e Benjamin Ferreira Guimarães. José Fonseca retirou-se da sociedade em 1924 e o nome da fábrica mudou para Companhia Têxtil Ferreira Guimarães. O autor¹ aponta que Antônio Jannuzzi, encarregado das obras de instalação da Central do Brasil, fundou em 1913 a Companhia de Rendas e Tiras Bordadas Dr. Frontin.

Iório (1953) revela que, em 16/3/1932, a supracitada fábrica passou a ser designada Companhia Nacional de Rendas e Bordados S.A e, *a posteriori*, Fábricas Unidas de Tecidos, Rendas e Bordados S.A. Esse autor afirma que José Fonseca construiu uma fábrica nova, a Companhia Progresso de Valença, inaugurada em 19/3/1926, posteriormente nomeada Companhia Progresso de Fiação e Tecelagem S.A. Conforme Tjader (2003), essa fábrica foi vendida mais tarde para os donos atuais da Companhia Fiação e Tecidos Santa Rosa S.A. Vito Pentagna, próspero negociante, pecuarista italiano e proprietário da Fazenda Santa Rosa, erigiu a Usina Vito Pentagna. Em 1914, a energia gerada por ela permitiu construir a Companhia Fiação e Tecidos Santa Rosa S.A.

Barros, em entrevista, expôs que, em 1952, foi edificada a Sociedade Anônima Fiação e Tecelagem Ultra Moderna Chueke, especializada na fabricação de fios. Afirmou ainda que, até a década de 1970, Valença tinha economia voltada ao trabalho fabril têxtil. Em suma, as fábricas totalizavam sete até os anos 1980: Companhia Têxtil Ferreira Guimarães 1 e 2; Companhia Fiação e Tecidos Santa Rosa S.A 1, 2 e 3; Fábricas Unidas de Tecidos, Rendas e Bordados S.A; e Fiação e Tecelagem Ultra Moderna Chueke S.A. Além dessas fábricas de grande porte, outras de pequeno porte foram instaladas, mas tiveram curta duração.

Decadência da indústria têxtil

Nas décadas de 1980 a 1990, a maioria dos países em desenvolvimento iniciou processo de liberalização comercial e interesse pela integração à economia global (SCHMITZ, 2005). No começo dos anos 1990, a indústria brasileira apresentava defasagem tecnológica quanto ao maquinário, às instalações, aos processos de fabricação e aos produtos, além de pouco

¹ A partir deste momento, segue entrevista concedida pelo jornalista Gustavo Abruzzini de Barros em 28/2/2006.

investimento em pesquisa e desenvolvimento (P&D) e em sistemas de gestão da qualidade (COUTINHO; FERRAZ, 1994).

O governo Collor tomou medidas relativas à abertura comercial, consistindo em uma política de liberalização, com vistas à concorrência externa pela redução de taxas de importação e retirada de barreiras não-tarifárias (GUIMARÃES, 1995). Quanto à política para incremento da capacidade competitiva, na era Collor (1990-1992), os resultados foram modestos porque as empresas reagiram na defensiva com esforços de ajustamento voltados à diminuição de postos de trabalho, hierarquias, estoque e à utilização de técnicas como qualidade total. Anteriormente, havia política de protecionismo quanto ao mercado interno. Quando caiu a taxa de importação governamental do Brasil, as indústrias têxteis estavam despreparadas para competir com empresas externas, acarretando fechamento de diversas fábricas.

Em entrevista, Barros (fevereiro de 2006) adverte que, como consequência, iniciou-se fase decadente das indústrias localizadas no Estado do Rio de Janeiro e das fábricas valencianas, ocorrendo na cidade queda na distribuição de renda familiar, no padrão de vida e no nível de emprego. Os produtos brasileiros não conseguiam competir com bons e baratos produtos chineses. Os empresários fabris tiveram dificuldades para administrar a nova situação, o que contribuiu para a redução e o fechamento fabril. Um fato também relevante foi a influência do movimento sindicalista no país, refletindo-se em focos grevistas nas fábricas em Valença, reivindicando melhores condições de trabalho e aumentos salariais, conforme entrevista com representante do Sindvestsul.

A mudança do setor têxtil para o setor de confecções

A Secretaria de Desenvolvimento da Produção do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior – MDIC apresentou levantamento realizado em 2005 pelo GTP-APL,² identificando no Estado do Rio de Janeiro 47 arranjos produtivos locais, sendo dois pertencentes a Valença, um relacionado ao turismo e outro às confecções. Hasenclever e La Rovere (2003) apresentaram diagnóstico sobre Valença no qual apontavam existência de um APL especializado em confeccionar roupas *jeans*, formado por micro e pequenas empresas de confecção e facção.

A confecção compra toda a matéria-prima e elabora o produto, colocando etiqueta de sua marca própria para venda ao mercado local. Quando a confecção não tem muita demanda, ela também realiza trabalho de facção, que consiste na terceirização da fase da costura, componente do setor de confecções da cadeia produtiva têxtil, isto é, prestação de serviço na qual se efetua

² Grupo de trabalho permanente criado pelo governo federal e composto por várias organizações governamentais e não governamentais para incentivar o desenvolvimento de APL.

“fechamento” das peças executadas a partir de tecidos planos leves (tricoline), médios (sarja e brim) e pesados (índigos) para calças, bermudas, *shorts* e saias. As confecções e as facções elaboram roupas *jeans* voltadas às modas masculina, feminina e infantil.

Entrevista com empresário do ramo têxtil de Valença permitiu identificar que as fases de produção das confecções envolvem criação desenvolvida pela estilista, modelagem em que a modelista faz no papel traçados relativos à peça a ser confeccionada, enfesto em que o tecido é dobrado na mesa para o corte, a fase de talhar a peça com base nos moldes, a fase de pilotagem em que uma peça é elaborada conforme o planejado pela estilista e a fase de costura. Dependendo da roupa, utiliza-se serviço de lavanderia industrial.

Na visão dos entrevistados, entre as microempresas existe intensa terceirização da fase da costura para as facções. A etapa da costura apresenta grande carga de trabalho, demandando mão-de-obra qualificada. Os tipos de máquinas encontrados nas confecções e facções são as de costura reta, overloque, interloque e mosqueadeira. Apesar das dificuldades, há preocupação com qualidade, satisfação dos clientes e cumprimento do prazo de entrega. A produção das confecções e facções, voltada ao atacado, é direcionada para clientes proprietários de grifes notórias.

Antes, o produto final das remanescentes fábricas de Valença era matéria-prima utilizada pelas confecções. Atualmente, a maioria dos tecidos vem de fornecedores do nordeste e Estado de São Paulo, por oferecerem artigos diversificados, menos onerosos e porque grande parte das facções recebe material especificado pelas grifes.

Valença enfrenta concorrência de outras regiões do Estado do Rio de Janeiro, como Vassouras, Rio das Flores, Barra do Pirai e Volta Redonda, dos Estados de Espírito Santo, Minas Gerais, São Paulo e os do nordeste, em razão da mão-de-obra mais barata.

De acordo com representante do Sebrae, a estratégia de promover produtos e atrair clientes é iniciativa individual. As confecções e facções ainda não possuem identidade própria do APL. A condição seria que houvesse elementos comuns, como já existe a especialidade em *jeans*, por exemplo.

A seguir, são mostrados gráficos construídos pela autora com base em dados do IBGE no período de 1985 a 2005 e do CNAE de 1995 a 2005, para se ter uma idéia clara da evolução da quantidade de estabelecimentos e empregados no setor têxtil, considerando-se Valença e o Estado do Rio de Janeiro.³

³ Há duas fontes de informações secundárias. Uma delas com base no IBGE, que disponibiliza dados por subsetor da indústria têxtil como um todo, permitindo uma série histórica de 1985 a 2005. A classificação fundamentada na CNAE 95 (Classe Nacional de Atividade Econômica) elaborada a partir de 1995 é separada por classes (fiação/tecelagem – classe 17000 e confecções – classe 18000). Neste trabalho, as classes inexistentes em Valença foram retiradas também do Estado do Rio de Janeiro para melhor comparação. As classes utilizadas são: 17116 – beneficiamento de algodão; 17213 – fiação de algodão; 17248 – fabricação de linhas e fios para costurar e bordar;

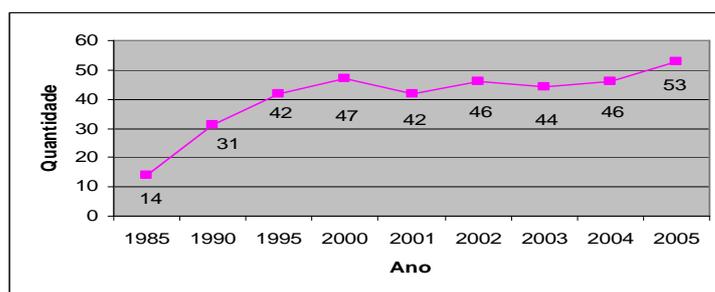


Figura 1 – Gráfico dos estabelecimentos da indústria têxtil, do vestuário e artefatos de tecidos em Valença/RJ, segundo o IBGE

Fonte: Elaboração própria embasada no banco de dados do SGT/MTE – Rais Estabelecimentos

Conforme dados do IBGE do final dos anos 1980 ao início do século XXI, houve, em Valença, aumento significativo de estabelecimentos da indústria têxtil e de vestuário, que passaram de 14 para 53.

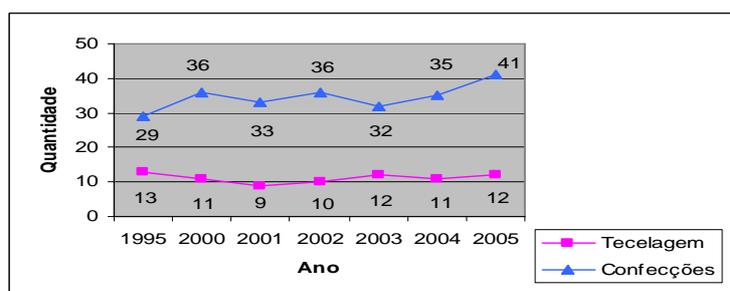


Figura 2 – Gráfico dos estabelecimentos de tecelagem e confecções em Valença/RJ, segundo CNAE 95

Fonte: Elaboração própria embasada no banco de dados do SGT/MTE – Rais Estabelecimentos

Uma ascensão das empresas de confecções é sinalizada em Valença a partir de 1995 até 2005, com real crescimento de 29 para 41 estabelecimentos no âmbito das confecções. Chegou-se a essa constatação em decorrência da separação entre os setores de tecelagem e confecções. Grande parte dos empreendimentos é constituída por micro e pequenas empresas, pois o investimento requerido é incomparavelmente menor em relação às fábricas têxteis. Além disso, empresas de grande porte do setor de tecelagem não abrem e fecham facilmente, como acontece com pequenas e microempresas.

17310 – tecelagem de algodão; 17329 – tecelagem de fios de fibras têxteis naturais, exceto algodão; 17493 – fabricação de outros artefatos têxteis, incluindo tecelagem; 17507 – acabamentos em fios, tecidos e artigos têxteis por terceiros; 17698 – fabricação de outros artigos têxteis, exceto vestuário; 17710 – fabricação de tecidos de malha; 17795 – fabricação de outros artigos do vestuário produzidos em malha; 18112 – confecção de roupas íntimas, blusas, camisas e semelhantes; 18120 – confecção de peças do vestuário, exceto roupas íntimas, blusas...; 18139 – confecções de roupas profissionais; 18210 – fabricação de acessórios do vestuário; 18228 – fabricação de acessórios para segurança industrial e pessoal.

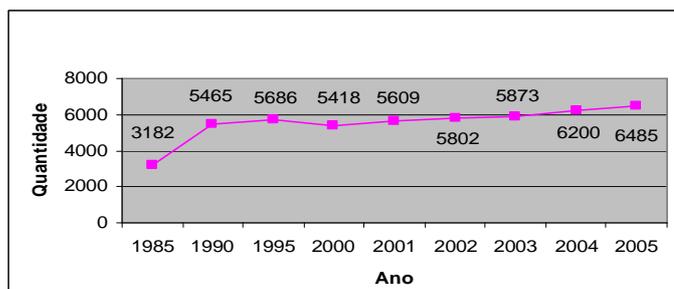


Figura 3 – Gráfico dos estabelecimentos da indústria têxtil, do vestuário e artefatos de tecidos no Estado do Rio de Janeiro, segundo o IBGE

Fonte: Elaboração própria embasada no banco de dados do SGT/MTE – Rais Estabelecimentos

A Figura 3 focaliza a indústria têxtil e de vestuário de modo geral no Estado do Rio de Janeiro, indicando crescimento ascendente de 1985 a 2005, ou seja, de 3182 para 6485 estabelecimentos.

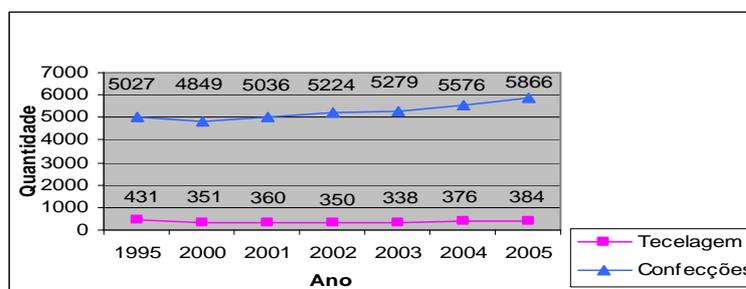


Figura 4 – Gráfico dos estabelecimentos de tecelagem e confecções no Estado do Rio de Janeiro, segundo CNAE 95

Fonte: Elaboração própria embasada no banco de dados do SGT/MTE – Rais Estabelecimentos

Pelas Figuras 2 e 4, constata-se que a tendência observada em Valença estende-se a todo o Estado do Rio de Janeiro. Logo, Valença acompanhou fase de expansão da quantidade de estabelecimentos vivenciada nesse Estado.

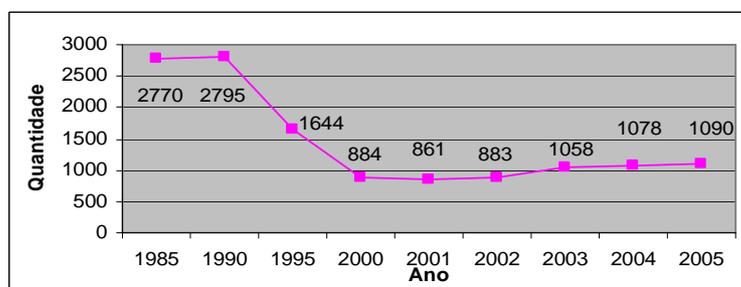


Figura 5 – Gráfico dos empregados em Valença/RJ, segundo o IBGE

Fonte: Elaboração própria embasada no banco de dados do SGT/MTE – Rais Trabalhadores

Essa figura evidencia o abalo sofrido por Valença no setor de indústria têxtil de 1990 a 2000 quanto ao número de empregados, que passou de 2795 para 884. De 2001 a 2005, verifica-se aumento gradativo, registrando melhora no nível de emprego.

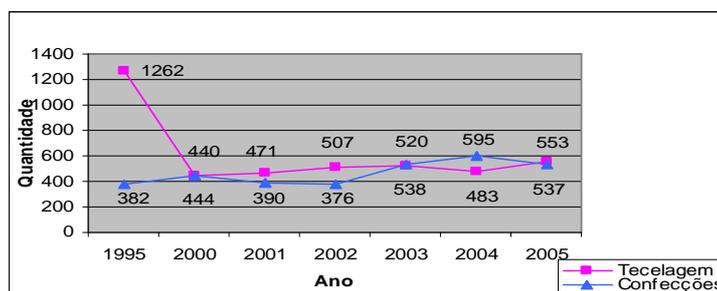


Figura 6 – Gráfico dos empregados em Valença/RJ, segundo CNAE 95
 Fonte: Elaboração própria embasada no banco de dados do SGT/MTE – Rais Trabalhadores

A Figura 6 ratifica a constatação da figura anterior, ressaltando que a queda de 1262 para 440 empregados em Valença aconteceu no setor de tecelagem de 1995 a 2000.

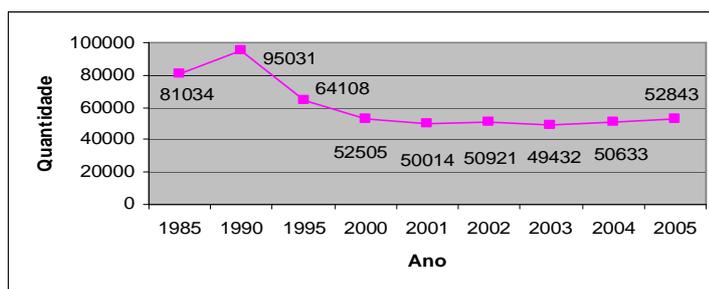


Figura 7 – Gráfico dos empregados no Estado do Rio de Janeiro, segundo o IBGE
 Fonte: Elaboração própria embasada no banco de dados do SGT/MTE – Rais Trabalhadores

A Figura 7 mostra o decréscimo no nível dos empregos no Estado do Rio de Janeiro a partir de 1990, como reflexo da abertura do mercado aos produtos importados.

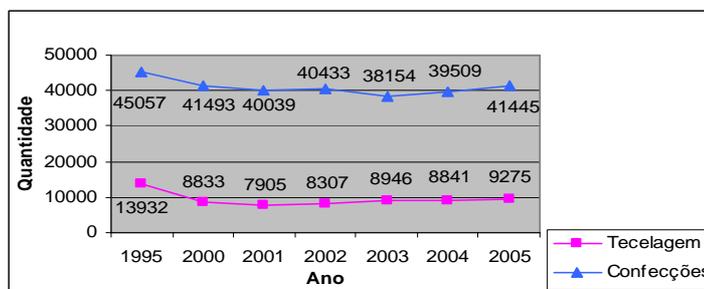


Figura 8 – Gráfico dos empregados no Estado do Rio de Janeiro, segundo CNAE 95
 Fonte: Elaboração própria embasada no banco de dados do SGT/MTE – Rais Trabalhadores

A Figura 8 confirma redução de empregados no Estado do Rio de Janeiro a partir de 1995 no setor de confecções e, principalmente, no de tecelagem. As Figuras 5 a 8 demonstram que Valença e o Estado do Rio de Janeiro sofreram queda na quantidade de empregos a partir da década de 1990 em razão da abertura comercial, com impacto na indústria têxtil, quando houve fechamento da maioria das fábricas valencianas.

Pelas Figuras 6 e 8, percebe-se que, de 1995 a 2005, no Estado do Rio de Janeiro, a quantidade de empregados no setor de tecelagem e no de confecções diminuiu, enquanto em Valença o número de postos de trabalho aumentou no setor de confecções, demonstrando melhora em relação ao Estado.

Gênese do setor de confecções e desdobramentos

Valença está habituada, historicamente, a se adaptar a mudanças drásticas em sua principal atividade econômica, por ter atravessado os ciclos da cafeicultura e da fabricação de tecidos. Na cidade, verifica-se presença de confecções, facções, cooperativas e lavanderias, comentadas nessa ordem nos próximos parágrafos. Há empresas que são confecções, outras que são somente facções e outras que operam como confecções e facções. De modo geral, essas empresas foram abertas no final da década de 1980.

Em decorrência do fechamento das fábricas, constatou-se pelos depoimentos dos entrevistados que muitas pessoas dispensadas (ex-trabalhadores, ex-gerentes das fábricas têxteis e aposentados de outras áreas econômicas) decidiram investir dinheiro de indenizações em máquinas de costura para iniciar negócio informal em suas residências. Reservavam garagem ou um quarto para instalação da microempresa, ampliando, paulatinamente, o espaço. As costureiras começaram a comprar tecidos e a elaborar produtos acabados de vestuário. Conforme essas microempresas tornavam-se bem-sucedidas, outras pessoas ficavam estimuladas a aplicar suas economias nesse ramo de atividade.

Ainda com relação ao surgimento das empresas, houve casos em que várias costureiras possuíam tipos distintos de máquinas e se reuniam para viabilizar produção de peças por encomenda que demandassem diferenciadas operações de costura. Geralmente, as pessoas que iniciavam negócios dispunham de conhecimento técnico do “fazer”, baseando-se na experiência e observação, mas não tinham capacitação em gestão de empresas, exceto ex-gerentes.

Em meados dos anos 1990, algumas confecções valencianas passaram a produzir roupas para atender ao mercado local e às grifes do Rio de Janeiro, São Paulo e Belo Horizonte que demandavam serviços de alta qualidade. O contato era estabelecido por intermediários que se dirigiam às grifes, oferecendo serviço de costura. Aos poucos, o trabalho ficou conhecido e,

atualmente, o nome de Valença vem recebendo maior divulgação no estande do Pólo de Moda Sul Fluminense no evento Fashion Business.

O advento de uma facção pode se dar pela escolha de uma pessoa de confiança, dentre vários funcionários de uma mesma confecção, para encarregar-se de abrir outra empresa vinculada economicamente à originária, para atender à demanda de certa mercadoria, arregimentando outros empregados, agora sob sua responsabilidade. A pessoa selecionada receberia algum maquinário para abrir o negócio em seu nome e algumas costureiras experientes. Assim, o proprietário da confecção elegia outras pessoas, formando novas empresas faccionistas.

As facções da cidade se dividem em estruturadas e não-estruturadas. As estruturadas recebem essa denominação por apresentarem maquinário adequado para efetuar procedimentos necessários à preparação das roupas. O produto é elaborado a partir do croqui ou da peça-piloto, sendo a compra do tecido e dos aviamentos realizada conforme especificações técnicas do cliente. Em seguida, a facção estruturada providencia modelagem, corte, costuras, lavagem e acabamento das peças. As facções não-estruturadas não se baseiam em croqui, pois possuem equipamentos que permitem apenas executar serviço de fechamento das peças recebidas já cortadas em função dos diversos tamanhos exigidos pela grife.

Na pesquisa de campo ficou evidenciado o surgimento de cooperativas para elaboração de roupas em que as pessoas trabalham como autônomas, atuando na informalidade. Um entrevistado proprietário de confecção afirmou que há em torno de seiscentas costureiras operando em cooperativas, onde se produz e se rateia o lucro entre integrantes.

Foi verificada também a existência de duas lavanderias industriais, consideradas empreendimentos lucrativos. O serviço é trabalhoso e caro, pois, para dar ao tecido índigo aspecto de roupa envelhecida, usam-se cloro, pedra, lixa, esmeril e tingimento. A roupa pronta vai para a lavanderia, recebendo requintado acabamento, última etapa da confecção.

Fatores propícios ao APL

Nesta seção, haverá resgate dos conceitos e particularidades sobre APL relacionados na fundamentação teórica, estabelecendo conexões entre teoria e prática pelas informações obtidas na coleta de dados, que fortaleceram e esclareceram as etapas de reestruturação da cadeia produtiva têxtil. Serão também expostos os principais fatores que contribuíram para responder à questão de estudo: “Como se formou o APL de confecções de Valença e seus desdobramentos a partir da decadência têxtil no final da década de 1980 até hoje?”

Os grupos de empresas e outros atores, incluindo instituições públicas e privadas (suporte), de algum modo inter-relacionados, envolvidos no desempenho de certa atividade numa localização geográfica são denominados APL pela RedeSist. Assim, as aglomerações seriam

empresas de confecções, facções, cooperativas, lavanderias e outros estabelecimentos do setor de confecções de Valença. Os vínculos se evidenciam nas relações entre as empresas e na participação de fornecedores de matérias-primas, clientes, Aciva e Sindvestsul. Há atuação da instituição pública, no caso a Prefeitura Municipal de Valença, e algumas iniciativas suas de apoio, como a criação do Distrito Industrial de Valença (Dival) e o Cemcost. Constata-se a presença do Sebrae e do Senai para capacitação das pessoas.

De acordo com a proposta de Amorim (1998), pode-se posicionar o APL do setor de confecções de Valença no estágio do “*cluster* emergente”, por não apresentar grande relacionamento entre as empresas e instituições envolvidas no APL. Quanto às características dos *clusters* relatadas por essa autora, há existência de pequenas e microempresas pertencentes ao setor de confecções, empenhadas, primordialmente, na produção de peças *jeans*. A iniciativa de formação das empresas como *cluster* partiu delas próprias e não dos órgãos governamentais ou de outras instituições. Eles apenas fomentaram o *cluster* existente em estágio inicial, alicerçado nas tradições fabris têxteis locais. Como exposto na fundamentação teórica, Hasenclever e La Rovere (2003) destacam a importância de existir empresa coordenadora ou instituição âncora do APL para fomentá-lo. Mas na pesquisa de campo não foi constatada sua presença na cidade.

A pesquisa documental, bibliográfica e as entrevistas da pesquisa de campo permitiram levantar fatores que ajudaram a responder à pergunta proposta neste estudo: “Como se formou o APL de confecções de Valença e seus desdobramentos a partir da decadência têxtil no final da década de 1980 até hoje?”. Os fatores que possibilitaram a evolução desse APL são o aproveitamento da mão-de-obra, o surgimento das confecções, facções, cooperativas e lavanderias, o apoio institucional, o Pólo de Moda Sul Fluminense e os eventos abordados a seguir.

Aproveitamento da mão-de-obra

De 1906 até a década de 1980, época em que as fábricas têxteis de Valença se encontravam em plena atividade, grande parcela da população era constituída por operários. A Figura 5 mostra que cerca de 2770 pessoas, em 1985, dedicavam-se ao trabalho relacionado ao ramo de tecidos e de vestuário. A abertura comercial aos produtos importados na era Collor influenciou sobremaneira no fechamento das fábricas e, conseqüentemente, no nível de desemprego de Valença. Isso porque, de modo geral, havia despreparo para enfrentar concorrência de produtos estrangeiros.

Com o declínio fabril, o advento do APL do setor de confecções em Valença foi facilitado pelo aproveitamento da tradição no ofício, com os já existentes conhecimentos práticos

e técnicos dos ex-trabalhadores e ex-gerentes têxteis. Na pesquisa de campo, os entrevistados declararam que eles próprios e muitas outras pessoas aplicaram suas economias em pequenos empreendimentos (confeções formais e informais) como alternativa à saída da crise que atingiu a população no período de abertura às importações no início da década de 1990. No primeiro momento, foram surgindo negócios nas residências familiares, que se expandiram com o tempo. Logo, o fator “aproveitamento da mão-de-obra” é importante, porque realça a inclusão e reabsorção das pessoas com certa bagagem de conhecimentos e experiências, provenientes das fábricas têxteis, na formação do APL.

Surgimento das confecções, facções, cooperativas e lavanderias

A diversificação das atividades constitui o fator mais relevante e significativo para responder à pergunta de partida, porque aborda a origem e a evolução do APL do setor de confecção conforme apresentado na parte referente à gênese. Expõe a trajetória da cidade, com ênfase na iniciativa das pessoas empreendedoras no investimento de confecções, facções, cooperativas e lavanderias.

Apoio institucional

As empresas pertencentes ao APL de Valença contam com respaldo do Sebrae, Senai, Prefeitura Municipal, Sindvestsul e Firjan. Geralmente, não há reuniões entre empresas participantes desse APL e instituições de apoio. A cooperação e o desenvolvimento das empresas integrantes do APL são induzidos através de seus programas e suportes técnicos, o que demonstra preocupação com aprendizado e aprimoramento contínuo.

O Sebrae promove cursos de empreendedorismo, administração de negócios, formação de preços e técnica de vendas, entre outros. Para divulgar esses cursos, disponibiliza informações na internet, aproveita listagem dos parceiros das empresas cadastradas integradas aos projetos de confecções, telefona para elas, passa *e-mails* e fax, inclusive para as que ainda não estão cadastradas. Atua independentemente da formalidade ou não da empresa, porque o serviço pode ser contratado pela pessoa física do empresário.

O Senai oferece cursos para profissionais direcionados aos níveis operacional, técnico e tecnológico, visando à qualificação e à atualização, não havendo distinção entre empresas quanto ao porte e prestando serviço às empresas formais e às pessoas físicas. O Senai promove cursos de informática e de costura, tais como básico de costura plana industrial, básico de modelagem industrial infantil e feminina e de malha *lycra*, com escolaridade mínima exigida de 5ª série.

Por sua vez, a Secretaria Municipal de Planejamento, Desenvolvimento Econômico e Social da Prefeitura de Valença (2002) realizou diagnóstico apontando necessidade de ações do governo municipal e de subsídios, a fim de recuperar vocação da cidade e estimular

desenvolvimento de pólo de confecções para gerar empregos e renda. Uma iniciativa foi a de reservar local para a criação do primeiro pólo de confecções, chamado Dival, onde estão instaladas uma empresa dedicada à fiação e uma confecção voltada à vestimenta cirúrgica.

A Prefeitura cogita construir e ampliar outro distrito industrial no terreno da antiga fábrica de fiação Chueke, recentemente desapropriado e declarado de utilidade pública, onde está localizada unidade fabril de renomada grife carioca. A Prefeitura também fundou o Cemcost, em parceria com duas empresas, em novembro de 2004, cujo escopo é habilitar gratuitamente a mão-de-obra para sua inserção mais qualificada no mercado de trabalho voltado à indústria têxtil e ao setor de confecções. Devido à qualidade da formação, 94 operadores, ex-alunos, já estão empregados nas facções e confecções da cidade; cerca de 400 inscritos aguardam vaga.⁴

Para a concessão de incentivos tributários e simplificação do trâmite dos processos administrativos, como apoio a empresas instaladas em Valença e atração de novos empreendimentos para a cidade, a Lei Complementar nº 058/2006 do governo municipal criou o Programa de Apoio ao Desenvolvimento (Prades). Além dessa ação, houve a Lei nº 4.182/2003 do governo estadual, que reduziu o ICMS para 2,5%, e a Lei nº 1.968/2001.

O Sindvestsul, sindicato patronal, foi fundado em 1987 por um empresário de Valença, depois cessou suas atividades. Atualmente afiliado à Firjan, foi reativado desde 2001 por iniciativa dessa, do Sebrae e uma pequena participação do poder público municipal. Com sede em Valença, procura sensibilizar empresários do setor de confecções quanto à necessidade de investimento em modernas máquinas e programas de qualificação, divulgando informações sobre palestras, cursos e seminários via telefone, *e-mail* e fax. O Sindvestsul, em conjunto com o Sistema Firjan e o Sebrae/RJ, impulsionam iniciativas como o Pólo de Moda Sul Fluminense e o concurso Novos Criadores, cujo propósito é descobrir novos talentos por banca constituída por jornalistas e críticos de moda, em uma etapa regional e em outra estadual, com possibilidade de o vencedor divulgar seu trabalho nas passarelas do Fashion Rio.

Pólo de Moda Sul Fluminense

O Pólo de Moda Sul Fluminense, entendido como conjunto de empresas cujo centro de interesse é o ramo da moda, engloba municípios da região Sul Fluminense e da região do Médio Paraíba, na qual Valença está inserida. A fabricação se concentra nos artigos em *jeans chambray*,⁵ *sportwear*, *lingerie* noite, *beachwear*, alta costura infantil e adulto. Nos meses antecedentes ao Fashion Business, ocorrem reuniões preparatórias entre as empresas componentes do Pólo de Moda Sul Fluminense, promovidas pelo Sindvestsul. Essas empresas

⁴ Informações disponíveis em: <<http://www.valenca.rj.gov.br/>>. Acesso em: 9 dez. 2006.

⁵ O *jeans chambray* é uma mescla de *jeans* básico e algodão com fio tingido. É um tipo de *jeans* mais claro e mais leve, destinado à camisaria.

passam por consultoria de *design* e coordenação de estilo disponibilizadas pelo Sebrae e pelo Senai para melhor adequação ao atendimento do público-alvo (classe A representada pelos compradores nacionais e internacionais). Mais de 40 grifes famosas do Rio de Janeiro utilizam as empresas do pólo para confecção de seus produtos.

O pólo começou a fazer parte do Fashion Business em fevereiro de 2003, coleção outono/inverno, trazendo incremento da produtividade. Conforme representante do Sindvestsul, antes se concediam férias coletivas aos empregados das confecções nos meses de janeiro e fevereiro, devido à queda de demanda. O ganho de visibilidade dos produtos do pólo no Fashion Business é relevante por impulsionar negócios durante e após a sua realização. O pólo representa oportunidade ímpar de os estilistas e profissionais de moda divulgarem seus produtos sem necessidade de transferirem suas residências para os grandes centros.

Eventos

A importância do Fórum Empresarial da Moda e do Fashion Rio/Fashion Business pode ser comparada à dos festivais de cinema para a indústria cinematográfica, pela atração de recursos financeiros, celebridades e divulgação, como ocorre, por exemplo, no Festival de Gramado. Os citados eventos da moda aos quais Valença está integrada pelo Pólo de Moda Sul Fluminense são úteis para dinamizar a cidade e promovê-la quanto à sua especialização em *jeans* no cenário estadual e nacional. Logo, esses eventos contribuem efetivamente para projetar o APL.

O ano 2000 marca a fundação do Fórum Empresarial da Moda,⁶ iniciativa da Firjan, constituído por empresários de moda pertencentes ao setor têxtil e de confecções do Estado do Rio de Janeiro. Há também participação de presidentes de sindicatos, representantes de grifes renomadas, criadores bem-sucedidos, consultores de moda e jornalistas. No Fórum participam representantes dos vários pólos do Rio de Janeiro e interior do Estado.

O Fashion Rio, um dos maiores eventos oficiais da moda brasileira, ocorre semestralmente no Rio de Janeiro. Sua primeira edição, em julho de 2002, coleção primavera/verão 2003, no Museu de Arte Moderna – MAM, em uma semana de desfiles, objetivou fortalecer a produção do Estado como pólo que dita tendências.

Na segunda edição, em fevereiro de 2003, coleção outono/inverno 2003, o Fashion Rio sofreu reformatação com o evento Fashion Rio/Fashion Business, realizado em paralelo. No Fashion Rio há desfile das coleções desenvolvidas pelas empresas participantes, enquanto o Fashion Business consiste em uma bolsa de negócios, representando chance de prospecção de mercados, porque traz compradores de âmbito nacional e internacional, facilitando a visibilidade

⁶ Texto elaborado a partir de informações consultadas no Sistema Firjan, disponíveis em: <<http://www.firjan.org.br>> Acesso em: 6 out. 2006.

dos trabalhos realizados pelos pólos e expostos em estandes. O Fashion Rio, em sua nona edição, junho de 2006, coleção primavera/verão 2007, transferiu-se do MAM para a Marina da Glória.

Considerações finais

Os estudos sobre arranjos produtivos locais ganham cada vez mais relevância no meio acadêmico e no âmbito governamental. Considerando o conceito de arranjo produtivo local proposto pela RedeSist, Valença possui um APL do setor de confecções com especialização em *jeans*, o que levou o Sebrae e o MDIC a incluí-la em seus bancos de dados.

Foi constatada a importância do investimento no setor de confecções, por promover geração de empregos, absorvendo muita mão-de-obra, e apresentar baixas barreiras à entrada, permitindo o despontar de pequenas e microempresas. A especialização em *jeans* permite que essas empresas consigam acesso às vantagens de economias de escala.

Há demanda de pessoas capacitadas para o surgimento de arranjos produtivos locais. Essa é a lição que o caso do setor de confecções em Valença traz à tona, quando uma parcela da mão-de-obra local foi reaproveitada com base em sua vocação para a produção têxtil. Dessa forma, este trabalho visualiza a possibilidade de o APL ser uma alternativa viável quando há pessoal empreendedor ou com habilidade, mas com pouco capital.

No caso em estudo, a cadeia produtiva se reestruturou e foi reestruturada pela população, dada a necessidade de recuperação urgente da cidade, expressa na migração dos setores de fiação e de tecidos para o de confecções. Ainda se notam, em menor proporção, empresas do setor de tecidos.

A análise dos gráficos aponta que o setor de confecções de Valença se encontra em fase expansionista quanto ao número de estabelecimentos a partir de 2003. Com relação à quantidade de empregados no Estado do Rio de Janeiro e em Valença, ocorreu queda a partir de 1990, quando se iniciou a abertura comercial no Brasil. O período de 1990 até 2001 foi marcado pelo encerramento de atividades e redução da capacidade produtiva da maior parte das fábricas têxteis, corroborando o impacto causado no emprego em Valença. A partir de 2001, há gradativa recuperação na referida cidade.

Pelos depoimentos, pesquisa bibliográfica e demais informações obtidas, constata-se a existência de espaço para que as instituições ajam a favor das empresas componentes do APL do setor de confecções, promovendo cooperação, aumento de publicidade e produtos padronizados para propiciar surgimento de uma liderança ou empresa coordenadora.

Os entrevistados disseram que, na cidade, as empresas apresentam dificuldades quanto à criação e ao *design*, porque poucos empresários são estilistas. Isso significa que há demanda de

profissionais da moda que imprimam mais estilo e identidade à produção e atendam a um público-alvo de classe mais elevada.

Assim como na maioria das cidades brasileiras, observa-se em Valença a informalidade como saída para o desemprego. O não pagamento dos impostos implica a redução dos preços de seus produtos, tornando-os mais procurados no mercado local e impactando empresas formais. Mesmo na informalidade, sempre há geração de riquezas e aquecimento da economia, uma vez que as pessoas, trabalhando dessa forma, vão ser consumidoras de segmentos formais, como alimentação, transportes e habitação.

A partir da identificação de características que permitem afirmar que o setor de confecções de Valença constitui um APL, por meio da literatura e da pesquisa de campo, foi respondida a questão de estudo: “Como se formou o APL de confecções de Valença e seus desdobramentos a partir da decadência têxtil no final da década de 1980 até hoje?” Desse modo, a evolução ou o surgimento do APL em Valença devem-se aos desafios impostos pela economia nacional e ao potencial empreendedor dos seus habitantes.

As confecções e as facções apresentam uma vantagem bem interessante em termos de preservação ambiental. Esses empreendimentos não são poluentes e consomem pouca energia, porque o motor utilizado nas máquinas de costura não é de força, mas de velocidade.

A formação de *clusters* representa uma possível saída para o crescimento local, porque gera empregos, absorve desempregados, aumenta poder aquisitivo da população, proporciona melhorias na qualidade de vida, promove ascensão social, atrai investimentos para a localidade e contribui para minimizar conflitos trabalhistas. O fato de nos estabelecimentos de pequeno porte haver presença constante dos proprietários faz com que possíveis conflitos de classe sejam mais facilmente resolvidos e acordados. Diante de todas as questões apontadas, conclui-se que o aprimoramento do APL do setor de confecções em Valença requer empenho de todas as partes envolvidas, juntamente com a população local, para a busca de soluções para os problemas.

Abstract

This study shows how local productive arrangement of garments in Valença, RJ contributes to overcome the problems left by the declining period of the textile industry. At first, the city took advantage of its talent for textile work and turned to the clothing sector, which now relies on garment factories, subcontractors, cooperatives and laundries in order to create jobs. There is institutional support. In regard to public and private institutions, there is room for steps to guide informal companies that find it difficult to afford labor, financial, and environmental costs towards formalization, the offer of management and labor skill programs, as well as entrepreneurs' awareness about the acquisition of modern-technology machinery. Informality is a growing trend in Valença. In this sense, the entrepreneurs need to find favorable steps to make them feel motivated to formalize their businesses.

Key words: Local productive arrangement; Clothing sector.

Referências

AMORIM, Mônica Alves. *Clusters como estratégia de desenvolvimento industrial no Ceará*. Fortaleza: Banco do Nordeste, 1998.

BARROS, Gustavo Abruzzini de. *O poder do sonho: história da Associação Balbina Fonseca e de seus presidentes*. Valença: Editora Valença, 1998.

CASSIOLATO, José E.; LASTRES, Helena M. M. O foco em arranjos produtivos e inovativos locais de micro e pequenas empresas. In: LASTRES, Helena M. M.; CASSIOLATO, José E.; MACIEL, Maria Lúcia. *Pequena empresa: cooperação e desenvolvimento local*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.

CENTRO DE INFORMAÇÕES E DADOS DO RIO DE JANEIRO (CIDE). Anuário Estatístico do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Cide, v. 20, 2004.

CHAN, Alberto Jorge. *Os efeitos da globalização na indústria têxtil*. 1999. Dissertação (Mestrado) – Fundação Getúlio Vargas – FGV/Eaesp, São Paulo.

COUTINHO, Luciano; FERRAZ, João Carlos (Org.). *Estudo da competitividade da indústria brasileira*. 2. ed. São Paulo: Papirus; Universidade Estadual de Campinas, 1994.

DIAS, Marcos de Carvalho. *Inovação tecnológica e relações interfirmas no cluster têxtil da região de Americana*. 1999. 119f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

GUIMARÃES, Eduardo Augusto. Abertura econômica, estabilização e política industrial. In: VELLOSO, João Paulo dos Reis (Org.). *O real e o futuro da economia*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1995.

HASENCLEVER, Lia; FERRAZ FILHO, Galeno. *Potencial competitivo das empresas de confecção do Estado do Rio de Janeiro*. A CPL de confecções da região do Médio Paraíba. Rio de Janeiro: Sebrae/RJ, 2004.

HASENCLEVER, Lia; LA ROVERE, Renata L. *Confecção no Médio Paraíba: potencial competitivo das empresas de confecção de Valença e Rio das Flores*. Rio de Janeiro: Sebrae/RJ, 2003.

IÓRIO, José Leoni. *Valença de ontem e hoje*. Valença: Companhia Dias Cardoso S/A, 1953.

KRAEMER, Carlos Frederico Bom. *Desenvolvimento local, cidadania e arranjos produtivos locais: um estudo no Estado do Rio de Janeiro*. 2005. 137f. Dissertação (Mestrado) – Fundação Getúlio Vargas – FGV/Ebape, Rio de Janeiro.

LUPATINI, Márcio Paschoino. *As transformações produtivas na indústria têxtil-vestuário e seus impactos sobre a distribuição territorial da produção e a divisão do trabalho industrial*. 2004. 168f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

OLIVEIRA, José Antônio Puppim de. Pequenas lições sustentáveis. *Revista Brasileira de Desenvolvimento Sustentável – Brasil Sempre*. Rio de Janeiro, ano 7, n. 25, jul./ago./set., 2006.

SAMPAIO, Rafael Santos. *Estratégias para a superação de problemas locais à Vila do Abraão e sua relação com o desenvolvimento sustentável do turismo*. 2005. 92f. Dissertação (Mestrado) – Fundação Getulio Vargas – FGV/Ebape, Rio de Janeiro.

SCHMITZ, Hubert. Aglomerações produtivas locais e cadeias de valor: como a organização das relações entre empresas influencia o aprimoramento produtivo. In: LASTRES, Helena M. M.; CASSIOLATO, José E.; ARROIO, A. (Org.). *Conhecimento, sistemas e desenvolvimento*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005.

SEBRAE, IEL e CNA. *Análise da eficiência econômica e da competitividade da cadeia têxtil brasileira*. Brasília: Sebrae, 2000.

SECRETARIA MUNICIPAL DE PLANEJAMENTO, DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL. *Estudo socioeconômico – Valença 1999/2002*. Valença: Prefeitura Municipal de Valença, 2002.

SILVA, João Carlos Paiva da. *Clusters de pequenas e médias empresas na área de produtos regionais: uma estratégia alternativa de desenvolvimento industrial sustentado na Zona Franca de Manaus*. 2003. 143f. Dissertação (Mestrado) – Fundação Getulio Vargas – FGV/Ebape, Rio de Janeiro.

SOARES, Paula Meyer. *Abertura comercial: setor têxtil por um fio*. Avaliação dos impactos do processo de abertura comercial sobre o setor têxtil e as estratégias de adaptação. 1994. 123f. Dissertação (Mestrado) – FGV/Eaesp, São Paulo.

TENDLER, Judith. Small firms, the informal sector, and the devil's deal. *IDS Bulletin* (Institute of Development Studies), v. 33, n. 3, jul. 2002.

TJADER, Rogério da Silva. *Uma pequena história de Valença*. Valença: Editora Valença, 2003.

TRIBUNAL DE CONTAS DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. Estudo socioeconômico 2006 – Valença. TCE/RJ, 2006. Disponível em: <<http://www.tce.rj.gov.br/>>. Acesso em: jan. 2007.

VERGARA, Sylvia Constant. *Projetos e relatórios de pesquisa em administração*. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2005.

VIEIRA, Marcelo Milano Falcão; ZOUAIN, Deborah Moraes. *Pesquisa qualitativa em administração*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

YIN, Robert K. *Estudo de caso: planejamento e métodos*. 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.